

GENNARO HOT DOG

Gillette Audio — Nando o Escriba — gillettenarrative.com

Ainda \$1.

Desci do ônibus e comecei a caminhar em direção ao endereço onde eu deveria morar.

Meu sotaque americano soava errado saindo de uma boca italiana.

Eu estava suando.

Me sentia sujo.

Manhattan de manhã cedo diz a verdade.

Os caminhões de lixo ainda não tinham passado.

As ruas ainda carregavam o cheiro da noite anterior.

Para a maioria das pessoas, aquele cheiro seria nojento.

Para mim, tinha cheiro de casa.

Levei 61 anos para chegar lá.

A culpa é da cegonha conveniada com a FEDEX, que errou a entrega e me largou no sul da Itália.

Destino errado.

Agora o meu corpo finalmente alcançava a minha mente.

Nova York tinha me esperado em silêncio.

Então eu vi.

Um carrinho de cachorro-quente.

E na hora eu soube:

Eu estava em casa.

Ceguei mais perto.

O dono era velho.

Italiano.

De Nápoles.

Perfeito.

Ele começou na hora a fazer teatro.

“Estou cansado.”

“Estou velho.”

“Não tenho dinheiro.”

“Tenho filhos demais.”

“Quero vender este negócio.”

Eu o interrompi.

“Quanto pelo carrinho?”

Ele ficou me encarando.

“Antes de falar de dinheiro... me diga quem diabos você é.”

Justo.

Fomos tomar um café.

Depois almoçar.

Depois conversamos mais.

Passaram-se horas, mas ele nunca olhou para o relógio.

A certa altura eu sorri e disse:

“Na América dizem sempre que tempo é dinheiro.”

Ele riu.

“Não.”

Depois olhou bem dentro dos meus olhos.

“Depois do tempo... coração é dinheiro.”

Nós dois sorrimos.

Mas eu soube imediatamente que não era piada.

Na manhã seguinte, nos encontramos na prefeitura.

Ele chegou com a mulher.

Depois a filha.

Depois a irmã.

Depois a cunhada.

A essa altura parecia menos uma transação comercial e mais como se eu estivesse me casando com a família.

Eu ainda não fazia ideia de quanto ele queria pelo carrinho.

Eu tinha preparado 35 mil dólares em dinheiro vivo.

Torcia para que fosse suficiente.

Estava tudo assinado.

Feito.

Então ele olhou para mim e disse:

“Quanto dinheiro você tem?”

Respondi do jeito que as pessoas espertas respondem a perguntas perigosas.

“Não sei. Não contei. Só me diga quanto eu te devo.”

Ele sorriu.

“Um dólar.”

Silêncio.

Ninguém se mexeu.

Ninguém falou.

Então ele disse:

“Bem-vindo à América.”

Foi o dia em que aprendi uma coisa que a maioria das pessoas nunca entende.

Alguns homens vendem negócios.

Outros transferem legado.

Durante o primeiro ano, vendi cada cachorro-quente por um dólar.

Por respeito.

Por memória.

Porque alguns homens não podem ser comprados.

Só podem ser honrados.

Nando

Ferdinando Frega — BLADEFREGA · GilletteNarrative · Não vendemos livros. Construimos relacionamentos.